

# A EDUCAÇÃO ESTÉTICA COMO FORMA DE SUPERAÇÃO DA DICOTOMIA CARTESIANA NOS PROCESSOS EDUCATIVOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

*Francisco Carlos Franco*  
Universidade Braz Cubas -SP  
fran.franco@bol.com.br

*Katia Cilene de Mello Franco*  
Universidade Braz Cubas –SP  
arteka@ig.com.br

**RESUMO:** O presente texto tem como objetivo refletir sobre a importância da educação estética na educação básica. Os processos formativos se fundamentaram, e ainda hoje são permeados em muitos espaços da educação escolar, por referenciais meramente instrumentais, desconsiderando a articulação entre a razão e a emoção como uma forma de propiciar às novas gerações uma educação que contemple o ser humano em sua totalidade. Nesse contexto, a educação estética amparando-se nos preceitos da semiótica se apresenta como uma alternativa para superar a dicotomia cartesiana, em especial por meio das aulas de arte, que têm o potencial de proporcionar aos educandos uma vivência estética significativa e possibilitar o desenvolvimento do saber sensível nos processos de ensino-aprendizagem em arte.

**PALAVRAS-CHAVE:** educação básica, educação estética, razão e emoção.

**ABSTRACT:** This paper aims to reflect on the importance of aesthetic education in basic education. The formative processes were based and are still steeped in many areas of school education, by reference merely instrumental, disregarding the relationship between reason and emotion as a way of providing an education to new generations that contemplates the human being in its entirety. In this context, the aesthetic education sheltering in the precepts of semiotics is presented as an alternative to

overcome the Cartesian dichotomy, especially through art classes, which have the potential to provide students a meaningful aesthetic experience and enable the development of sensitive knowledge in the teaching learning of art.

**KEYWORDS:** basic education, aesthetic education, reason and emotion.

## **Introdução**

No final do século XIX há uma euforia decorrente dos avanços tecnológicos, que se expandem de maneira significativa e entram no século XX com um movimento e velocidade até então não vivenciado na história da humanidade. Porém, algumas vozes discordantes começam a surgir nesse contexto em que a ciência e a tecnologia parecem ser inquestionáveis, e o sonho da modernidade em propiciar a emancipação do indivíduo e a construção de uma sociedade mais justa parece estar mais próximo.

No seio desse momento de entusiasmo, Nietzsche (1844-1900) é um dos pensadores que demonstra seu desencanto com os pilares que sustentam o mundo moderno, afirmando que o ser humano estava passando por um processo de domesticação, ao anular seu instinto e criatividade, e que a busca para alcançar os valores supremos é somente um movimento que escolhera para que lhe acalmasse a angústia e lhe desse um sentido para a existência.

As reflexões de Nietzsche parecem antecipar a decadência que se inicia em 1914, com o início da Segunda Guerra Mundial, em que o avanço técnico e científico que se mostravam a serviço da emancipação, agora começa a ser utilizado para a destruição.

Mas será a partir da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) que o potencial destrutivo tomará proporções até então nunca vivenciados, o que levou muitos pensadores a considerar que o sonho de emancipação da modernidade tinha acabado, e a defender que estaríamos adentrando em uma nova época, a qual denominaram pós-modernidade. Outros, porém, consideram que o momento que

passamos se caracteriza como uma crise da modernidade, e que seria prematuro falar em pós-modernidade, visto que:

Fantasiando uma pós-modernidade fictícia, o homem está querendo despedir-se de uma modernidade doente, marcada pelas esperanças traídas, pelas utopias que se realizam sob a forma de pesadelos (ROUANET, 1987, p. 268).

Sendo a modernidade ou a pós-modernidade a época em que vivemos, o que fica evidente é que com o avanço do domínio da tecnociência, o mundo mudou de maneira radical, como também a maneira como vivemos e nos movimentamos nele.

Entre as mudanças mais substanciais que os defensores da pós-modernidade postulam, está a constatação de que o homem atual, ao entrar em contato com a realidade por meio de simulacros, acaba por entrar em um processo de desreferencialização do real e dessubstancialização do sujeito, provocando o sentimento de substância inferior, sentindo-se vazio, pois agora é por meio de um número elevado e aleatório de informações parcelantes, com meios tecnológicos cada vez mais atraentes na construção de uma hiper-realidade que habita seu cotidiano e a ciência.

Cresce o número de especialistas que detêm o saber técnico e o científico que passaram a ser dominados por grupos que os direcionam para seus interesses particulares, atingindo todos os âmbitos da atividade humana, como na economia, na educação, na cultura, entre outros. A fragmentação do saber o do fazer passa a ser referência, por meio de seu caráter funcional, de todo o sistema social, que, segundo Severino (1992, p. 184), tinha como objetivo apenas buscar um baixo custo, com o intuito de aumentar a eficiência e a produtividade e submeter todas as atividades humanas às regras da produção industrial.

Os filósofos da Escola de Frankfurt chamaram esse processo de industrialização da cultura, pensamento esse que teve como seus maiores expoentes Adorno, Horkheimer, Benjamin e Marcuse, que denunciaram a maneira como a indústria cultural, a serviço do consu-

mo e da lógica capitalista, intensificaram a passividade cultural, criando uma “barbárie estilizada”, pois a tecnologia, agora utilizada pela política como forma de dominação, impede a autonomia do pensamento, adestrando as consciências de forma subliminar.

A intensificação da cultura de massa, tendo posteriormente se evoluído para a cultura da mídia, provocou um processo de dessensibilização do ser humano, que, no século XX esteve presente de maneira efetiva no cotidiano das pessoas e, agora, adentra o século XXI com uma perspectiva de aprofundar ainda mais essa questão.

Nesse contexto, Maffesoli (2001, p. 162) colabora com a reflexão sobre o senso comum, afirmando que é preciso redefinir sua abrangência, rever seu papel, encarando-o como fonte de sabedoria da vida cotidiana que antecede qualquer conhecimento posterior, sendo que:

É a koiné aisthesis da filosofia grega que, por um lado, fazia repousar o equilíbrio de cada um sobre a união do corpo e do espírito e, por outro, fazia depender o conhecimento da comunidade em seu conjunto. Saber orgânico, ou saber corporal, considerando-se que o corpo era parte integrante do ato de conhecer e que isso era, igualmente, causa e efeito da constituição do corpo social em seu conjunto (MAFFESOLI, 2001, p. 162).

Vale lembrar que valorizar a experiência sensível não significa negar o saber, e sim enriquecê-lo, repensando a separação que supostamente marcou a qualidade científica. É reconhecendo que a paixão está em ação na vida social, como também ela tem seu lugar na análise para compreendê-la, que superaremos essa dicotomia, proporcionando uma forma de empatia e “[...] abandonar a sobranceira visão impositiva e a arrogante superioridade que são, conscientemente ou não, apanágio da *intelligentsia*” (MAFFESOLI, 2001, p. 176).

Também é relevante a colaboração de Antonio R. Damásio, pesquisador e chefe do Departamento de Neurologia da Universidade de Iowa. Em suas obras, *O erro de Descartes* e *Em busca de Espinosa*, relata o resultado de suas pesquisas com doentes neuro-

lógicos, constata que os sentimentos exercem uma influência sobre a razão e que os seus sistemas se encontram interligados, processo em que:

Os sentimentos parecem depender de um delicado sistema com múltiplos componentes que é indissociável da regressão biológica; e a razão parece, na verdade, depender de sistemas cerebrais específicos, alguns dos quais processam sentimentos. Assim, pode existir um elo de ligação, em termos anatômicos e funcionais, entre razão e sentimento e entre esses e o corpo (DAMÁSIO, 2004, p. 276).

Assim, podemos concluir que, entre outros aspectos, a concepção do organismo humano e a relação entre emoção e razão que despontam dos resultados de suas pesquisas, indicam que, para que haja o fortalecimento da racionalidade, há de se dar uma atenção mais efetiva à vulnerabilidade do mundo interior.

Tais apontamentos fazem emergir a importância do corpo, superando a separação entre razão e sentimento, que orientou por séculos a sociedade, revelando que cada porção do nosso organismo nos proporciona uma maneira peculiar de conhecer e que esses se articulam, não havendo saber humano sem a participação dos nossos processos sensíveis.

### **A Educação Estética como forma de superação da dicotomia cartesiana**

Vários autores e estudiosos (Barbosa, 1994; Martins, 1998; Read, 2001 etc) têm questionado o modelo de educação que, sob à luz dos ideários da modernidade, desconsidera o fundamento sensível de nossa existência, valorizando um conhecimento que privilegiou o caráter científico, desligando-se das percepções dos sentidos diários da existência humana.

Duarte Jr. (2003, p. 170), defende que a educação reconheça esse fundamento sensível da existência e que estimule o seu

desenvolvimento, de forma a tornar mais abrangente a atuação das dimensões lógica e racional de operação da consciência humana, de maneira a ir:

Contra uma especialização míope, que obriga a percepção parcial de setores da realidade, com a decorrente perda da qualidade de vida e na visão desses profissionais do muito pouco, defender uma educação abrangente, comprometida com a estesia humana, emerge como importante arma para se enfrentar a crise que acomete o nosso mundo moderno e o conhecimento por ele produzido. (DUARTE JR, 2003, p. 171)

É preciso ressaltar que as críticas aqui estabelecidas não desconsideram os avanços obtidos pela ciência e tecnologia, e sim o afastamento da vida diária do cientista, que, desvinculando-se da concepção mais ampla da vida social, desumanizou sua atuação e, com isso, como afirma Duarte Jr. (2003, p. 172), perdeu-se também a “dimensão estética em sua formação”.

Desta maneira, faz-se necessário repensar os princípios de estesia e de estética nos contextos educacionais, termos que têm a mesma origem grega *aisthesis*, que significa a percepção sensível da realidade, sendo que a estesia está mais relacionada como nossa sensibilidade mais geral, daí o termo “anestesia” ter sido referência para alguns filósofos da Teoria Crítica que denunciaram a negação do sensível, a impossibilidade ou a incapacidade de sentir, que se deve à influência da indústria cultural, que se intensificou pela cultura da mídia. Já, a estética, embora tenha um sentido ampliado, tendemos, nos dias de hoje, a limitá-lo à experiência da beleza e às discussões acerca da arte.

Diante desse quadro é que salientamos a necessidade em reorientar a ação educativa das escolas e, por que não, nos espaços educativos das cidades como um todo, que considere, entre outros parâmetros, as dimensões estésica e estética na formação de nossas crianças e jovens. Um processo educacional que rompa com a ordem estabelecida sob a orientação privilegiada dos preceitos cientificistas, o qual se “abra para a vida”, que considere a criatividade, a originalidade, a imaginação, como componentes importantes na formação da

pessoa, que, de forma integrada, desenvolva um processo educativo em consonância com a sociedade em mudança que hoje vivenciamos.

Sendo o homem um ser simbólico, e segundo a idéia pierciana de que não existe no mundo lugar vazio de signos, estamos sempre sujeitos as representações e aos sistemas sígnicos que compõem as linguagens. Portanto, nosso pensamento depende da leitura e da qualidade de imagens e signos que recebemos, e da capacidade de representar e interpretar esses elementos presentes no mundo, com a intenção de ampliar nosso repertório de significações, de possibilidades de leitura do mundo e do entendimento de diversas linguagens.

A busca de uma aprendizagem significativa, que seja mediadora da construção do conhecimento, necessita de um processo criativo e construtivo, em que cada informação precisa ser sistematizada, entendida, observada, analisada e não apenas exposta por meio de palavras repetitivas e soltas na propagação dos sons.

A educação escolar tem por hábito deixar de lado a riqueza do ser humano, que se expressa por meio das linguagens, e priorizar apenas seu lado racional. A aprendizagem costuma ser treinada por intermédio de estratégias tradicionais, com a valorização da quantidade de informações memorizadas, esquecendo-se de que o homem é um ser simbólico, que interpreta o mundo de acordo com suas experiências, sua cultura, seus valores e sua história individual.

É essencial à criança e ao jovem o desenvolvimento de um olhar voltado ao mundo, para que possam aprender a lê-lo de forma sensível, para desvelar os sentidos atribuídos às representações artísticas, que podem ser visuais e materiais, ou imagens que façam parte do domínio imaterial, das imagens de nossa mente, de nossas recordações e experiências, como maneiras de expressão do pensamento e de construção do conhecimento.

### **Considerações finais**

Toda a euforia que o avanço tecnológico trouxe a partir de sua utilização nas duas grandes guerras que no século XX mostrou o potencial destrutivo que agora a ciência e a tecnologia ajudam a

concretizar. Um tipo de crescimento que, além de ajudar na destruição começou a mostrar que o acesso ao conforto, às novas descobertas e novos produtos não era para todos, ficando boa parte da população mundial à margem desse processo.

A problemática atual está em rever esses parâmetros da modernidade que por longos anos orientaram a sociedade, fazendo-se presente em todos os ramos do conhecimento e na vida cotidiana, nos comportamentos e crenças que se expandiram em todos os sistemas de nossa sociedade, entre eles nos espaços educacionais destinados à educação de nossas crianças e jovens.

Desconsideramos o sentimento nos processos educativos e o colocamos em segundo plano, em um processo que ainda hoje não conseguimos encontrar uma ponte de equilíbrio entre a razão e a emoção, e a importância que essas duas dimensões têm na construção de nossa sociedade e, conseqüentemente nas concepções de educação que norteiam nossas escolas de educação básica.

Orientar uma educação do sensível, por meio de processos significativos que envolvam as manifestações artísticas nos parece uma alternativa para superar essa tendência racionalista que impera em nossos sistemas educativos. Nesse contexto, entender os signos e como eles operam no pensamento do homem são conhecimentos fundamentais para ampliar as significações e as leituras de mundo para proporcionar aos educandos uma formação crítica e sensível.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae T. *A imagem no ensino da arte*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- DAMÁSIO, António R. *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.
- DUARTE JR, João Francisco. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. 2.ed. Curitiba: Criar, 2003. 225p.
- MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MARCUSE, Herbert. A arte na sociedade unidimensional. In: ADORNO, Theodor W. et al. *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro: Saga, 1969. p. 243-54.
- MARTINS, Miriam Celeste et al. *Didática do ensino de arte : a língua do mundo*. São Paulo: FTD, 1998.
- READ, Herbert. *A educação pela arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 366p.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- SANTAELLA, Lúcia. *Estética: de Platão a Pierce*. São Paulo: Experimento, 1994.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. *Filosofia*. São Paulo: Cortez, 1992. 211p.